



Lara com Z: A Representação da Mulher Idosa na Televisão¹

Emanuella Camargo Neves²

Karina Gomes Barbosa³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este artigo analisa a representação da mulher idosa na televisão e na sociedade por meio do seriado *Lara com Z*. Busca-se entender o perfil da mulher mais velha, seus desejos, vontades, contrapondo-se à imposição da beleza e a invisibilidade da sexualidade nesta idade. Espera-se entender sobre quais estereótipos a velhice e as desigualdades de gênero se estabelecem quando os corpos se tornam velhos.

PALAVRAS-CHAVE: televisão, mulher idosa, beleza, sexualidade, gênero.

O seriado *Lara com Z*

A primeira temporada da série, de Aguinaldo Silva, foi exibida nas noites de quinta-feira, após *A Grande Família*, na emissora de televisão Rede Globo. A produção seriada na emissora vem como forma de experimentar novos formatos televisivos e ter a oportunidade de investir na qualidade estética por um curto período de duração (LOPES, 2010, p.162-166). A série, que terminou no dia 7 de julho de 2011, teve no total 14 episódios. *Lara com Z* é a sequência de *Cinquentinha*, a qual perdurou por curta temporada em 2009, mas rendeu mais espaço para a aparição de Susana Vieira e outros atores secundários.

A vinheta de abertura está dentro da estética *pin-up*⁴ e dá os moldes do discurso que será empregado na trama ao som de *Perigosa*⁵ interpretada, aqui, pela voz peculiar de Elza

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – UnB. Email: manucn@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação Social pela linha de Imagem e Som do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília. Professora de Comunicação Social na Universidade Católica de Brasília. Email: karina.barbosa@gmail.com

⁴ Modelo de mulheres sensuais com olhos bem marcados, roupas que, geralmente, dão forma a silhueta feminina e o vermelho nos lábios e tons de roupas. O modelo surgiu em meados da década de 1940. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/pin-up-552117.shtml> (Acesso em 10/07/2011)



Soares. Susana Vieira incorpora a mulher mais velha, despreziosa, *sexy*, repleta de curvas e alguns parceiros. O nome do seriado faz alusão ao programa especial norte-americano *Liza with Z*, que trazia a cantora e atriz Liza Minelli⁶ como foco principal. Em *Lara com Z*, o roteirista Claus Martinez (Dalton Vigh) elabora uma peça homônima para que Lara encene nos palcos explicando, dentro do próprio seriado, a razão do título.

O enredo conta a história da atriz Lara Romero (Susana Vieira) e como a vida dela fica depois de angariar a herança do finado marido, comprar um teatro e assim, renovar a carreira de atriz com a peça *Macbeth*, do dramaturgo inglês Shakespeare. A trama começa a ter complicações quando um fiscal do Tribunal de Contas da União, Leandro Morais (Humberto Martins), aparece para cobrar o dinheiro gasto indevidamente na compra do teatro. A partir daí, Lara enfrenta diversos obstáculos para conseguir se sustentar e manter o teatro aberto.

As demais personagens pertencem à classe média alta, são brancas, e têm a instituição do casamento com uma maneira de alavancar o *status* social ao qual pertencem. A presença de um casal homossexual é interessante como sugestão de espaço de representação destinado a esse grupo na televisão, embora a participação deles não tenha profundidade e ainda seja permeada pela caricatura. De igual maneira, a mulher negra está presente na narrativa, mas no papel de vítima: moradora da periferia, obesa e humilhada pelo marido, que a trai com a protagonista. A distorção provocada na visibilidade destes grupos apenas reforça caricaturas e preconceitos e não discute outras possíveis significações para eles. O cenário principal, a casa de Lara, reflete a grandiosidade, o exagero e a volúpia vividos pela personagem. A casa se preenche com luxo, tecidos volumosos, exuberantes e largas portas de passagem. O branco é a cor que prevalece nos móveis e objetos da casa.

⁵ A trilha Perigosa ficou famosa com a interpretação do grupo musical formado por mulheres, *As Frenéticas*, que surgiu na década de 1970. Refrão da música disponível em: <http://letras.terra.com.br/as-freneticas/65222/> (Acesso em 10/07/2011):

“Sei que eu sou
Bonita e gostosa
E sei que você
Me olha e me quer
Eu sou uma fera
De pele macia
Cuidado garoto!
Eu sou perigosa...”

⁶ Atriz norte-americana consagrada no filme *Cabaré*, 1972. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/liza-minnelli.jhtm> (Acesso em 09/07/2011)

Dentro desse contexto narrativo ficcional polissêmico e repleto de construções de representações identitárias, o recorte desta análise utiliza a personagem principal e as relações amorosas e familiares estabelecidas por ela para desta maneira, buscar entender como é representada a mulher idosa nos cenários midiáticos e os papéis e obstáculos à representação deste perfil feminino na sociedade.

Lara e os elementos da pin-up de 1940

Cores vibrantes, decotes, cintura marcada e pernas à mostra. É assim que Lara Romero aparece em cena. A personagem salta dos calendários da década de 1940 e reproduz na maneira de se vestir o estilo pin-up. Assim como no seriado ou na época das mulheres que representavam essa estética, o modo de se vestir transmitia a ideia de mulheres com atitude, desinibidas quanto à sexualidade e que a qualquer momento, entre os afazeres do lar e o descanso no sofá, poderia ser sensual. No entanto, a figura não é revolucionária, do ponto de vista da teoria feminista, pois o patriarcado, o qual será exposto a diante, objetifica a mulher e delega a ela o espaço da casa.

Em Lara com Z, a protagonista é independente e se desvincula das atividades domésticas, contudo, outros adereços e atributos reforçam a estética dessa mulher sensual. A maquiagem delineando os olhos, os enquadramentos que valorizam a silhueta, o busto e as pernas torneadas dizem ao espectador o quanto ela é *sexy*. Acessórios e complementos de caracterização parecem transportar a personagem interpretada nos palcos para a vida real. Lara já passou dos 50 anos de idade, mas a iluminação tem o cuidado de esconder imperfeições ou rugas, por exemplo. Lara Romero é eternizada como diva do cinema ou dos palcos.

A sensualidade desvinculada da idade (aspecto que pode prever um avanço dentro da narrativa midiática e na readaptação da estética pin-up) pode ser evidenciada em uma das cenas enquanto Lara Romero acorda. Ainda adormecendo sob a cama e previamente maquiada. Antes de se levantar, a câmera passeia por entre os lençóis brancos de uma cama de casal até chegar as pernas de Lara, que estão descobertas. O corpo não está seminu, mas insinua. O tecido da camisola desenha os volumes naturais do corpo, a iluminação é suave.

Em *Lara com Z* a alimentação metafórica da personagem pela juventude é clara. Por causa da imaturidade para transpor alguns obstáculos diários, ela se comporta como se vivesse ainda na adolescência. Não significa que ela se considere como tal, mas também não admite se enquadrar no padrão determinado para a sua idade, o qual também limita



os idosos. Associando o comportamento e o vestuário de Lara, pode-se encaixá-la no possível modelo de “adulescente”, mas vivendo com mais de 60 anos:

“Uma das estratégias usadas pela sociedade para revelar seu desejo narcísico de ser cada mais jovem é o vestuário (...). A adulescência refere-se a uma faixa etária que vai dos 20 aos 40 anos e relaciona-se a pessoas adultas, maduras, geralmente já inseridas no mercado de trabalho e já com relações matrimoniais estáveis ou desfeitas, mas que se vestem, se comportam e agem como adolescentes.”
(FONTES, 2006, p.9)

A linguagem seriada empurra Lara para o envólucro pré-estabelecido no ambiente social. A personagem, por sua vez, parece transgredir, mas ao mesmo tempo reafirma a ditadura imposta pela beleza perfeita e não propõe reflexão sobre o sexo na velhice, aspectos que serão tratados mais a frente.

Lara Romero: “quem viver me verá!”⁷

Além de atriz famosa, Lara é mãe da recatada, mas independente, Celina Romero (Thaís Campos) e avó da jovem e sensual, Bárbara Romero (Monique Alfradique). Os episódios são costurados como em uma grande telenovela. Uma crise ou uma reunião familiar que ocorre no capítulo anterior é resolvida no próximo. A rotina de Lara Romero compreende as horas passadas no palco do teatro herdado, as conversas com a filha e a neta e a diluição de armadilhas e intrigas causadas pela vilã do enredo, ex-amiga de Lara, hoje jornalista e crítica teatral, Sandra Heibert (Eliane Giardini).

Lara Romero e a personagem interpretada por ela no tablado do seriado parecem viver numa simbiose momentânea no qual o ego ganha destaque. Ou seja, Lara parece atuar mesmo fora dos palcos, o figurino extravagante, já citado, reforça esta ideia. Diante da plateia, tudo gira ao seu redor como eterna protagonista das peças em que atua. Fora dali, a personagem também é a “estrela”. Ela é a causa e a solução da maior parte dos conflitos da trama, desde o noivado da neta até o término do mesmo, em resumo, por causa da quitação de dívida financeira de Lara. O nome da protagonista e da vilã do seriado valorizam esse pensamento. Quando jovem, antes de se tornar uma atriz famosa, ela foi batizada como Aretuza Pena. Sua rival, Sandra Heibert também tem “nome artístico”, antes de se tornar jornalista e crítica teatral ela era a aspirante a atriz, Josefa Bezzerra.

⁷Frase ou jargão utilizado pela personagem.



Os dilemas das personagens são orientados pelo dinheiro, casamento e o círculo familiar. O discurso televisivo molda a personagem de Susana Vieira para encaixá-la no perfil de mulher adulta, mas Lara é “arrogante e convencida, não tem papas na língua. Não aceita a idade que tem e sempre tenta se mostrar jovem, apesar de usar expressões do “tempo do onça”. Sempre na mídia, nunca aparece feia, pois suas roupas são exuberantes e extremamente peruas”.⁸ Lara se comporta fora dos padrões esperados para a sua idade, contudo, o que poderia ser uma alternativa ao padrão imposto é mera ilusão, pois a construção dos conflitos vividos por ela em *Lara com Z*, forçam-na a se adequar ao modelo machista o qual perdura até o envelhecimento.

De acordo com Ruth Sabat, a mídia se utiliza de “mecanismos” para constituir identidades, reforçar valores e regular condutas. Desta forma, a imposição atribuída a Lara é construída e alimentada pela televisão, mas reflexo também das representações e papéis que se encontram na sociedade. Sabat analisa as construções de gênero sob o ponto de vista da publicidade, ainda sim, as considerações podem ser utilizadas para entender o discurso televisivo já que ele possui particularidades comuns aos apontamentos publicitários, as quais serão tratadas a diante. A partir disso, Ruth Sabat analisa que:

“(…) Na disposição de vender determinada idéia ou produto, é produzida uma pedagogia que narra o sujeito como independente e livre para escolher, ao mesmo tempo em que opera com mecanismos de (auto) controle e de (auto) regulação, normatizando as relações sociais e materializando-as através das imagens.”
(SABAT, 2001, p. 6)

Estes mecanismos têm características da estética e do discurso publicitário feitos para envolver e persuadir o consumidor. A identificação e a representação estão presentes neste ramo discursivo. É por meio desta linguagem que os modelos midiáticos ganham nova roupagem e se (re) apropriam de características normativas e sociais já existentes. Neste caso, a parcela mais velha da população também se identifica com esses modelos, pois o discurso utilizado parece-lhes familiar e tem melhor assimilação.

Ao contrário daquilo que é vendido pelos veículos de massa, sobre a democratização dos espaços de fala, aqui, não há espaço para realizar uma releitura dos mecanismos representativos ali expostos, como é o caso da velhice, da aposentadoria e de outras demandas que superam a ordem da doença ou da solidão para esse segmento.

⁸ Características da personagem Lara Romero, disponíveis em <http://laracomz.globo.com/platb/category/personagens/> (Acesso em 09/07/2011)



A sublimação sobre qual seria o discurso e a representação adequados para os idosos pode ser ilustrado logo nos primeiros episódios de *Lara com Z*, quando os questionamentos em relação à verdadeira idade de Lara se tornam iminentes. A personagem nega não só a responsabilidade ou o significado que a real fase poderia lhe trazer, como também, reforça a aspiração de querer pertencer a outro tempo não superado: a juventude.

A televisão, pois, tem importância determinante nas relações interpessoais. De acordo com Bourdieu, a televisão é um canal que produz e influencia o campo político, econômico e os demais campos (BOURDIEU, 1930). A familiaridade dos assuntos na tela torna a difusão de tais construções sociais mais fluida. Dotada de linguagem própria, a televisão define e orienta condutas dentro e fora do espaço televisivo. Ainda hoje, a busca acirrada pela audiência faz parte da rotina dos meios e principalmente da televisão e é essa disputa pelo público que determina a forma como o discurso deve ser (re) produzido. A informação-mercadoria tem desta forma, maior alcance na cultura de massa assinalada por Bourdieu. Por outro lado, o espectador não está isolado da produção de discursos, ele não é, portanto, receptor passivo de conteúdo. Ele recebe a informação e também a ressignifica influenciado ou não pelos demais campos e instituições sociais.

Em 1960, Edgar Morin tentou prever a intensificação da procura infundável pela juventude. Para ele a cultura de massa “se prolonga em homogeneização do consumo que tende a atenuar as barreiras entre as idades” (MORIN, 1969, p.39). Na construção desta sociedade predomina a jovialidade simbólica presente na universalização de valores potencializados na cultura de massas.

O perfil de sociedade está mudando ao contrário das expectativas daquele período no qual eram os jovens e os adultos que viviam nas metrópoles. Hoje, a expectativa de vida dos idosos brasileiros já chega aos 80 anos⁹, devido ao desenvolvimento da tecnologia e da medicina possibilitando a prevenção e o tratamento de doenças, antes fatais. Os brasileiros estão mais velhos, no entanto, o que se percebe é a invisibilidade desta fase da vida, embora o discurso da “melhor idade” ecoe na mídia publicitária e televisiva. A respeito disso, Malu Fontes alega que:

“(…) Apesar do surgimento de políticas afirmativas para a velhice, o fato é que a sociedade mantém o velho à margem do seu funcionamento e não tem soluções para a sua inserção. Ou seja, ao não dispor de estruturas

⁹ Dados do Censo 2010, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php (Acesso em 25/06/2011)



sociais habilitadas para resignificar, efetivamente, os papéis dos velhos, a sociedade, na prática, continua condenando-os ao isolamento dedicado aos moribundos”.
(FONTES, 2006, p.10)

A feiúra dos corpos enrugados e o mito da beleza

Baseado no anteparo teórico dos movimentos feministas, o sistema patriarcal remete aos sistemas clássicos de sociedade em que o cerne do governo e organização social vinha do patriarca (pai) da família ou da comunidade. Para os estudos feministas e de gênero esse sistema patriarcal se relaciona às variadas formas de autoridade ou imposição de poder sobre o indivíduo subjugado. Forças hierárquicas as quais determinam como devem se organizar socialmente os indivíduos, seus lugares de fala e de representação são intrinsecamente definidas pelo patriarcado. Esse tipo de organização inferioriza a autoridade daqueles que diferem do sexo masculino e por isso, entender a sociedade como uma organização de gênero independente das características físico-biológicas de cada ser é um avanço trazido pelos estudos feministas.

Sendo assim, a não aceitação da velhice reflete o mundo visto pelos olhos do patriarcado dentro do qual é imposta a ideia de que os indivíduos podem manter o controle de seus corpos e, desta forma, deter os avanços do envelhecimento natural. É permitida, assim, a analogia dos estudos de gênero aplicados às causas ambientais na qual o ser humano também acredita que controla a natureza por meio da técnica e da ciência. A natureza torna-se um ente com feminilidade, passivo e controlável pelas mãos do homem e da máquina criada por ele (GARRARD, 2006, p. 22-23).

Como resultado do controle dos corpos, homens e mulheres são atraídos pelo culto à juventude eterna. Cosméticos, intervenções cirúrgicas, roupas que prometem a modelagem de corpos e os mantêm, ainda que temporariamente e artificialmente, enxutos.

Solidifica-se aqui a crença do belo e do perfeito e que, ao longo do processo de industrialização da sociedade ocidental se intensificou e de certa forma, acelerou o que Naomi Wolf chama de “pânico do envelhecer”. Ainda que as mulheres tenham conquistado espaço além da esfera privada (o lar, a família e os afazeres domésticos), maior participação política e autonomia no desempenho de outros papéis além da mãe e esposa, ainda sofrem com outras pressões que limitam sua liberdade. Wolf diz que:

“(…) existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o



controle. Não é por acaso que tantas mulheres potencialmente poderosas se sentem dessa forma. Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza”.
(WOLF, 1992, p. 8)

O envelhecimento é silenciado na agenda midiática para expor e fortalecer o culto ao corpo e ao massacrante e, algumas vezes, doloroso ritual de adoração a uma imagem que não será eterna, inevitavelmente. No segundo capítulo de *Lara com Z*, a personagem reflete a relação de controle e rejeição daquilo que não pode ser dominada pelo homem, o tempo biológico. A cena ocorre depois que Lara recebe o aviso do fiscal do Tribunal de Contas da União, o qual pretende fechar o teatro comprado por Lara. Depois de receber o ultimato, na cena seguinte, um carro luxuoso a deixa em casa. Ela chega demonstrando irritação e impaciência, enquanto isso a trilha *Perigosa* cai lentamente. Logo na entrada estão a governanta, a filha e o namorado, além do ex-marido e Carlo. Lara usa conjunto de saia e *blaiser* de tecido acetinado, brilhoso e no mesmo tom de rosa. O decote é bem marcado com uma peça preta e rendada por baixo do conjunto rosa. Entre um copo de bebida alcoólica e o diálogo com a filha ressaltando o descontentamento com a neta, que não compareceu a estreia da peça, Lara finaliza a cena com uma frase aos moldes das artes cênicas: “Sou Lara Romero uma estrela e as estrelas são eternas”. Em seguida, troca algumas palavras com Claus e sobe as escadas até o quarto. Ao longo deste trecho a câmera permanece no plano médio e sem nenhuma trilha sonora, apenas som ambiente.

No plano seguinte, Lara entra em seu quarto e imediatamente se escuta a música *Ne me quitte pas*¹⁰, interpretada por Maria Gadú. A câmera faz um *travelling* pelo cômodo. Muitos móveis, colunas largas ao estilo clássico, cama de casal. Observa-se Lara

¹⁰ *Ne me quitte pas* ou (tradução livre) Não Me Deixe. Música interpretada pela cantora francesa, Edith Piaf. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/edith-piaf/ne-me-quitte-pas-traducao.html> (Acesso 12/07/2011)

“ Ne me quitte pas
Il faut oublier
Tout peut s'oublier
Qui s'enfuit déjà
Oublier le temps
Des malentendus
Et le temps perdu
A savoir comment
Oublier ces heures
Qui tuaient parfois
A coups de pourquoi
Le coeur du bonheur
Ne me quitte pas...”



caminhar por alguns segundos entre a penumbra. Ela liga uma das luzes e caminha poucos metros, passos arrastados. Vê-se uma penteadeira branca. Lara se senta e pelo reflexo no espelho observa-se a expressão de tristeza. Lara penteia os cabelos e retira a maquiagem. A música permanece e a câmera vai se aproximando para outro plano médio e logo, um plano fechado na face da personagem. Enquanto retira a maquiagem do rosto e a câmera se aproxima, ela diz: “Ah, mas eu não vou dar esse gostinho, não...” Uma breve pausa. Tem-se um close, ela continua a frase: “Não vou dar esse gostinho para eles. Eu nunca vou envelhecer, nunca”. Lara Romero chora, não há lágrimas. A música sobe e a cena se encerra.¹¹ O trecho do seriado reflete a relação de controle e rejeição daquilo que não pode ser dominado pelo homem, o tempo biológico.

A distorção da imagem pessoal e física da mulher idosa obscurece as relações de poder presentes no sistema capitalista e patriarcal. No campo simbólico, a beleza também é *status* de controle daquele que não se encaixa neste modelo de perfeição estabelecido. O corpo belo pode ser conduzido pelas pressões e vontades egoístas do sistema patriarcal já que a inteligência, neste caso, fica em segundo plano. Quando a silhueta fica repleta de marcas do tempo, rugas, pêlos esbranquiçados e enfim, a inteligência e os outros atributos de caráter podem ter mais espaço e visibilidade, mas o mito da beleza violenta essa alternativa. A partir disso, Naomi Wolf explica que:

“O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas (...).” (WOLF, 1992, p.13)

O equívoco presente nessa relação de poder está também no entendimento da velhice como um estado arraigado de melancolia, tristeza e solidão dentro do qual apenas há espaço para esperar a morte.

A velhice existe para além dos portões das casas de acolhida ou dos espaços insossos relegados às pessoas com mais idade. A apatia pode dar lugar à diversão com amigos e passeio noturnos, por exemplo. Esse segmento é um público consumidor que deve ser considerado e repensado nos meios de comunicação. Alguns ainda permanecem com o papel social de cuidar dos netos, outros já se desvinculam desta ideia e retornam ao mercado de trabalho e passam a usufruir de um estilo diferente daquele de quando

¹¹ Cena exibida em 7/04/2011, primeiro episódio da temporada. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=q3lSiUIYx0k> (Acesso em 25/06/2011)



iniciavam os passos no primeiro emprego. Porém, ainda é triste ficar mais velho. A proximidade com o fim desconhecido é assustadora. As rugas parecem refletir o fim de cada dia antes vivido¹². Porém, como questionar estes preceitos se a construção da mulher idosa beira às mesmas imposições e exigências de quando ela era jovem?

Sexualidade e estereótipos da velhice

A imposição da beleza também pode levar a distorções sobre a sexualidade nesse perfil de mulheres. Em *Lara com Z*, a personagem usa o corpo, a sensualidade no figurino e na maneira de estabelecer relações interpessoais para, ao mesmo tempo, transferir a ideia e o comportamento de uma mulher desinibida e livre de podas e pressões sociais. No entanto, a contradição ali existente não reserva a ela questionamentos sobre as práticas da sexualidade. Relações de poder também se baseiam nas *performances* sexuais. Os papéis ou hierarquias impostos na sociedade também estão presentes nas quatro paredes da intimidade. O homem continua sendo o dominador e a mulher, na maioria dos casos, a dominada para atender os desejos do macho.

Para Lara Romero, essa relação de dominação e exigência de determinados comportamentos e posturas aparece em um dos episódios¹³ quando, para encerrar o caso extraconjugal que mantém com o motorista jovem, másculo e casado, ela é levada para um motel. Contudo acaba contradizendo as vontades do seu amante e desiste da despedida. Ele a regula e pune por tê-lo enganado e não ter satisfeito seus anseios. Ela se entristece e se vitimiza, ainda que tenha seguido suas próprias decisões. Não fica explícito, neste momento, se Lara está mais uma vez atuando fora dos palcos, ou seja, usando uma máscara para encobrir sua personalidade e seus atos, ou se ela realmente tomou uma decisão e foi punida por isso.

Os comportamentos ali estabelecidos não avançam para combater as desigualdades de gênero. Na guerra contra a cronologia biológica, a velhice ganha, a não ser por uma interrupção prematura do ciclo de vida. Para Heilborn “uma aparência física que não seja considerada bela pode acarretar, tanto em uma mulher quanto em um homem, conseqüências importantes na sua forma de expressão da sexualidade” (HEILBORN, 2006, p. 4). Corpos antes bonitos, joviais e repletos de vigor podem não realizar as

¹² Trecho baseado na matéria de capa, *Envelhecer Bem*, da revista *IstoÉ*. Publicada em 18/06/2011. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8655:istoe-envelhecer-bem&catid=159:clipping&Itemid=75 (Acesso em: 11/07/2011)

¹³ Cena exibida em 05/05/2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=phDZaFGb8gw> (Acesso em 14/07/2011)



mesmas atividades de outro tempo. É necessário adotar novas maneiras de transmitir e obter prazer. O envelhecimento, da forma como é construído para os indivíduos, deteriora ou silencia a prática natural da sexualidade e nesse sentido, Lara Romero procura romper com a invisibilidade, embora reforce, em outros momentos, as desigualdades de gênero e o machismo.

No núcleo de uma família, expressar a sexualidade da mulher mais velha parece proibido ou “tóxico para os outros membros da família” pois pode “ameaçar o frágil relacionamento dentro da família” (TALLY, 2008, p.120), portanto, a sexualidade deve permanecer obscura para não desestabilizar a ordem e o que foi determinado socialmente. Juntamente com o mito da beleza, pontuado por Wolf, o erotismo e as práticas sexuais dissertadas por Heilborn quando adotadas no campo midiático silenciam indagações. O reflexo desse silêncio no diálogo se reflete, por exemplo, no aumento do número de idosos vivendo com AIDS. Em 2009, o país tinha 1.263 novos casos da epidemia, mais que o dobro dos registros quantificados nos anos anteriores. Em geral, os homens com mais de 60 anos são maioria com a síndrome.¹⁴ Além dos tabus que mascaram problemas de saúde pública, como o da AIDS, à mulher mais velha, ou experiente ficam restritos os papéis sociais de mãe, esposa e avó.

De acordo com a teoria feminista e sob a perspectiva central do seriado *Lara com Z*, pode-se suspender algumas características as quais definem o perfil da mulher mais velha e as possíveis formas de representação dela. A castração da sexualidade ou suspensão dos desejos corporais, ainda que ela tenha ou não um marido, parece ter sido necessário para que ela permaneça na sociedade. A sabedoria é destacada como qualidade intrínseca da matriarca mais velha, ela invariavelmente tem amplo conhecimento da vida. Por outro lado, raramente é destacada a experiência ou o amadurecimento de sua sexualidade ao longo dos anos. A solidão, a nostalgia e as rotineiras doenças estão presentes, necessariamente. Em todo caso, essas características têm interconexões e podem estar presentes num mesmo indivíduo e mais uma vez universalizando condutas, solidificando a estrutura imposta pelo meio, sem outras leituras aceitáveis para esses papéis.

Guacira Lopes Louro ressalta que ocorrem, na sociedade atual, algumas mudanças com a “multiplicidade dos modos de compreender, de dar sentido e de viver gêneros e a sexualidade” (LOURO; 2008: 2), mas essa certa abertura ou transgressão nas práticas da

¹⁴ Dados da página do Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/idosos> (Acesso em 25/06/2011)

sexualidade pode esconder normas ainda impostas e delegadas aos indivíduos pelas instituições sociais. Para Louro:

“Continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais. Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitam livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados.” (LOURO, 2008, p.6)

A problemática está na falta de abertura para outras maneiras de experimentar a sexualidade, como destacado por Heilborn. O sexo na velhice está encarcerado pelas sátiras. No caso das relações sexuais de Lara, quando ocorrem as cenas, são meras caricaturas ou servem apenas de alicerce para outros episódios da narrativa. De maneira alguma é defendida neste trabalho a exposição banal do corpo feminino ou a objetificação da mulher, porém é necessário diálogo lúcido sobre a existência destas questões na rotina dos idosos.

Considerações finais

Ainda que a personagem de Susana Vieira, Lara Romero, não desenvolva os mesmos papéis habituais dados às mulheres idosas e também tenha a liberdade desvinculada do envelhecimento, a qual é tratada de maneira depreciativa e angustiada, na maioria dos casos, Lara não se desprende totalmente das preocupações envolvendo família e homens. No campo televisivo seria possível pensar em uma idosa protagonista de sua própria realidade? O que ela ainda tem a dizer? As respostas a essas indagações demandam tempo e reflexão também da população idosa.

A imagem estereotipada do idoso na TV tem algumas rupturas em *Lara com Z*, diferente, por exemplo, da personagem Bete Gouveia (Fernanda Montenegro, 81 anos) em *Passione*, exibida às 21 horas na Rede Globo, a qual tinha papel importante no enredo da telenovela porque era dona da empresa a qual movia o enredo e de onde surgiam os principais conflitos, apesar desta função a sexualidade, a velhice, a solidão ou os lazes não tinham espaço. Como resultado, Bete Gouveia, assim como outras possibilidades de protagonismo das mulheres mais velhas no meio midiático, tornam-se apenas apêndices para que os personagens desenvolvam seus conflitos.

No entanto, a protagonista Lara Romero ainda não é um caminho possível, pois apenas realimenta o mesmo discurso utilizado em todas as faixas etárias para tratar das aflições



relegadas ao feminino, tais como família, casamento, filhos, profissão, beleza, juventude. A idade se apaga para dar lugar ao cultivo de uma juventude eterna e deslocada do tempo rompendo, assim, com a lógica sólida entre o corpo, o tempo e o envelhecimento.

Ao adotar, primeiramente, esse público como consumidor dessa cultura de massa talvez, desta maneira, o espaço para novos discursos e olhares fosse ampliado. A velhice não se limita a doenças ou a solidão e muito menos aos lazeres igualmente determinados para o perfil da “melhor idade”, exceto a prática da sexualidade e do sexo. Os relacionamentos para além do marido não vêm ganhando representatividade em outros ambientes. Em *Lara com Z*, o círculo de convivência da personagem é restrito a família ou a quem faz parte dela. Amigos que a acompanharam ao longo de sua vida não aparecem nos episódios. A personagem ainda busca o amor romântico, encenado e possível apenas nos palcos. A solidão não é questionada por Lara, mas em alguns instantes ela não demonstra total satisfação quando está sozinha, ainda que tenha certo *status*, dinheiro e homens.

Entender o perfil da idosa de hoje é tarefa árdua, mas que pode ajudar o entendimento da velhice daqueles que hoje são adultos. A maior dificuldade para pensar ou resignificar o (s) caminho (s) possível (is) para a velhice dessas mulheres é a familiaridade dos mais jovens com os códigos e a bagagem de símbolos presente neste universo que é o envelhecimento. Enquanto estes códigos não forem apresentados ao público, a questão de gênero presente na vida destas mulheres idosas ainda vai persistir, deixando-as marginalizadas ou sublimadas pela caricatura.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – A experiência vivida. Volume II.** São Paulo, Ed. Gallimard, 1967

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar, 1997.

FONTES, Malu. **O Lugar Da Velhice Na Sociedade De Consumo.** Bahia, Faculdades Jorge Amado. Artigo apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Universidade de Brasília de 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1459-1.pdf> (Acesso em 22/05/2011)



GARRARD, Greg. **Ecocrítica**, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Publicado na Revista Estudos Feministas vol.14 n.1 Florianópolis Jan./Apr. 2006.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100004&script=sci_arttext (Acesso em 30/05/2011)

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2ª Edição, 2000. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf> (Visitado em 19/06/2011)

_____. **Gênero e sexualidade: Pedagogias Contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> (Acesso em 19/06/2011)

LOPES, Maria Immacolata Vassalo (e outros). **Brasil: nuevos modos de hacer y de ver ficción televisiva**; (org) Guillermo Orozco Gomes (e outros); **Convergencias y transdimediación de La ficción televisiva**. Ed. Globo Universidade, São Paulo, 2010. (Páginas 162 – 166)

MORIN, Edgar; **O espírito do tempo no século XX – vol. 1 Neurose**. São Paulo, Ed. Forense, 1969.

SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Artigo publicado na revista Estudos Feministas, Ano 9, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf> (Acesso em 19/06/2011)

TALLY, Margaret. Hollywood and the “older bird” chick flick in **Chick Flick – Contemporary Women at the Movies**. FERRIS, Suzanne and YOUNG, Mallory (org). Nova York, EUA. Ed Routledge, 2008.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1992. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2007/01//370737.pdf> (Acesso em 22/05/2011)